

HOJE É DIA DE PÃO E CIRCO

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

Um dos principais pontos turísticos de Brasília, a Torre de Televisão é também um convite para matar saudades de outras terras. Lá, sobram referências a cidades onde o povo costuma se encontrar nas praças. As bancas da feira exalam ares distantes, sabores quase esquecidos.

"Você precisa conhecer o Pará", recomenda o engenheiro Theodoro Hildebrando Garcia, 72 anos, enquanto prova creme de açaí em uma barraca enfeitada com as bandeiras do Pará, do Remo e do Paysandu — times do futebol paraense. Ele, que trabalhou na construção do Autódromo e do Centro de Convenções, é uma das pessoas que vão à Torre aos domingos em busca de lazer.

As especialidades paraenses, como o tacacá e o pato no tucupi, concorrem com acarajés baianos, pamonhas goianas e até lasanhas e macarronadas. As opções de compras também são mais variadas. A feira tem pinturas, esculturas, brinquedos, móveis, bijuterias, confecções, calçados, bolsas, cintos, tapetes, utensílios domésticos, instrumentos musicais, souvenirs e... surpresas.

REGGAE E TEATRO

Nascido em Trinidad Tobago, o caribenho Mottha Eustáquio, 44

anos, é o responsável pela barraca mais *pop* da feira, a do Grupo Cultural Quilombo, especializada em moda afro.

Ali, um toca-fitas embala os amantes do reggae. De vez em quando, ocorrem desfiles coloridos diante da tenda lotada de chapéus de pano e referências a Bob Marley. "Nossa finalidade é promover e desenvolver a arte e o trabalho afro", resume Mottha. Com um elefante tatuado no braço e uma toca colorida na cabeça, ele faz uma revelação. "Quem mais compra é o pessoal branco", comenta.

O reggae não monopoliza a tripla sonora da feira. Hoje, o grupo América Índia estará mais uma vez ecoando seu som brasileiro e hispano-americano sob os 224 metros da Torre. A música do conjunto faz dançar a pequena Fernanda Simas, de seis anos, que põe a mão em forma de concha ao redor da orelha e diz: "É bom para a gente ficar assim." Depois da música, será a vez de apresentações de dois grupos de teatro infantil. Perto dali, vendedores de berimbau dão sua contribuição ao som da Torre.

NAMORO

Encravada como um dardo no centro da cidade, a Torre de Televisão é mais que uma receptora de ondas eletro-magnéticas. Ela atrai gente como o funcionário público Carlocy do Nascimento, 28 anos, e sua namorada, Elmira dos Santos, de 18. De ônibus, eles chegam de Ceilândia para namorar sentados diante da praça das fontes. "É bonito aqui", observa ele antes de beijar Elmira.

A beleza é o ganha-pão de muita gente na Torre. O pintor Plínio Lage, 25 anos, orgulha-se de se manter com a venda de seus quadros.

"Chego a ganhar R\$ 5 mil em um mês", conta ele.

Prestigiado por pessoas como o deputado Germano Rigotto (PMDB-RS), Lage afirma que não se irrita quando alguém encomenda um quadro específico para combinar com um sofá. "Não tem problema, eu vou na casa do freguês para conhecer o sofá e o tapete para bolar a pintura", admite o artista, entre abstrações e imagens de marinas.

HIPPIES LEGÍTIMOS

Nem só de arte vivem os 550 artesãos que trabalham na feira. Morador do Guará, Vasco Batista, 69 anos, vende vasilhas, conchas e outros utensílios de cozinha feitos de aço inox. Ele conta que fabrica os objetos em casa. "Eu consigo uns R\$ 100 ou R\$ 150 por semana. A feira já foi melhor, mas a crise está nos atrapalhando", avalia.

Chamado por muitos de "feira hippie", o mercado da Torre não tem espaço para os órfãos do festival de Woodstock.

A administração de Brasília só permite que os artesãos cadastrados trabalhem na área das 773 barracas. Por isso, quem percorre o Brasil com uma mochila nas costas tem de vender seus trabalhos em volta da fonte, a 100 metros da feira.

"Isso não é jeito de tratar a gente. Onde já se viu uma feira hippie sem hippies?", reclamava no último domingo a curitibana Ângela Cristina Ferreira, 28 anos de idade e 12 de estrada. Aborrecida, ela decidiu ficar só três dias na cidade. Recém-chegada de Campo Grande (MS), já estava com a cabeça no próximo destino: Manaus (AM). "Nós é que mantemos viva a filosofia hippie", dizia a mulher, de pés descalços.

Zuleika de Souza



O afro e o reggae ajudam a formar o colorido mosaico que é a Torre. "Quem mais compra são os brancos", diz Mottha